

Enquanto ainda há tempo

13 SET 1991

CORREIO BRAZILEIRO

Carlos Chagas

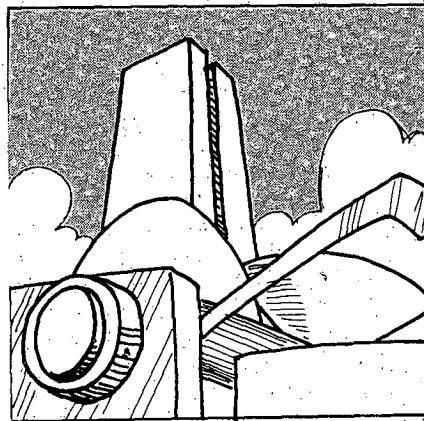
Ninguém mais do que a imprensa necessita do Congresso. E vice-versa. Uma instituição está umbilicalmente ligada à outra, que o digam as ditaduras, que, quando chegam, golpeiam obrigatoriamente as duas. Sendo assim, fica a preliminar, se outras até mais profundas não existissem: deve ser preso como doido quem buscar a separação entre o Legislativo e os meios de comunicação.

Isso significa, porém, que devam cobrir-se e acobertar-se jornalistas e parlamentares, uns fazendo vista grossa aos erros dos outros? Mancomunando-se as duas categorias para, afim, transmitir à opinião pública uma impressão errada que acontece em cada uma?

Nem pensar. O Congresso escorrega, a imprensa também. Não como instituições, que estão acima de seus componentes, mas por conta de seres humanos tanto parlamentares quanto jornalistas. Quando se diz que para determinados líderes, não os líderes dos partidos, mas deputados ou senadores que por uma ou outra coisa sobressaem, tudo é conversável e tudo é negociável, até a própria honra, infelizmente é verdade. Como para muitos jornalistas.

Se um deputado está negociando com carros roubados, negocia com quê, senão com sua honra? E quando falsifica carteiras funcionais? Ou quando trafica com tóxicos?

Não estará também comprometendo a honra quem, para votar determinado projeto, exige que em torno da votação se estabeleça uma operação de compra e venda? Exatamente o



mesmo quando, para desenvolver determinada campanha, um jornal impõe o recebimento de favores e benesses escusas.

Deveria a imprensa calar sobre ela mesma ou sobre o que de ruim acontece no Congresso? A pretexto de um falso espírito de corpo, poderiam os congressistas omitir desvios e vícios registrados nos meios de comunicação?

O tema nem comporta desdobramentos, de tão simples que é, apesar de o radicalismo, muitas vezes, confundir alhos com bugalhos. Para certa imprensa, o Congresso inteiro é corrupto, falso e inoperante, merecendo por isso a condenação total e implacável, como instituição. Trata-se de uma aberração. De má-fé e incapacidade. Mas para certos parlamentares a recíproca parece ser verdadeira: a imprensa inteira está engajada na tarefa de desmoralizar o Congresso, o que também constitui uma obscenidade.

Do final da ditadura para cá assistimos aos esforços profundos da parte do Legislativo para afirmar-se. Como, banida a censura, também assistimos à imprensa buscando os caminhos da ética sem concessões, junto com a obrigação de informar sem distorções. Nos dois lados, é claro, registram-se falhas, entre as grandes e as pequenas. Nem poderia ser diferente, pois jornalistas e congressistas são feitos de pó, ou de carne humana, não apenas de espírito.

Essas coisas não se dizem sem uma razão específica. Nas relações entre o Congresso e a imprensa, existem radicais interessados em aumentar as áreas de atrito. Em criar um fosso entre as duas atividades afins e paralelas. São os mesmos de sempre, ainda que, aqui e ali, nos surpreendamos com o ingresso, nesse grupo, de personagens até então equilibradas e com serviços prestados às duas causas. Paciência, todos têm tempo e inteligência para meditar sobre cada um de seus atos.

Sobre o tema, vale relatar desabafo feito pelo saudoso Amaral Peixoto, nos idos de março de 1964, quando o País era varrido pelos ventos da paixão e do emocionalismo. A um grupo de jornalistas amigos, ele disse: "Segurem os seus radicais que nós vamos segurar os nossos, porque, se fecharrem o Congresso, será sinal de que terão fechado a imprensa. E vice-versa..."

(Vamos ver se bastam essas considerações para evitar o que ainda pode ser evitado.)

■ Carlos Chagas é jornalista e professor da Universidade de Brasília